

O elogio da IA generativa pode conduzir ao anti-intelectualismo

Críticos da IA generativa não entenderam que também a produção textual é produção de mercadoria
Apologistas da IA generativa têm uma concepção rudimentar (e nociva) do trabalho intelectual

Francisco Traverso Fuchs

Pesquisador independente, graduado em História pela UFF e mestre em Filosofia pela UFRJ.

A polêmica sobre o uso de IA na produção textual revela ao menos dois equívocos: um de seus apologistas e outro de seus detratores. Estes não compreendem que também a produção textual é produção de mercadoria; aqueles têm uma concepção rudimentar (e nociva) do trabalho intelectual.

A IA é uma ferramenta de pesquisa extraordinária. Eu a uso sempre que quero testar uma hipótese ou buscar uma informação específica cuja obtenção demandaria uma longa e tediosa pesquisa. Também a uso quando quero confirmar aquilo que já sei (ou penso saber), mais ou menos como quem consulta o dicionário para verificar a regência ou as nuances de sentido de uma palavra. Sempre atento, porém, pois assim como é temerário confiar nas etimologias gregas de um Aurélio, é impossível confiar plenamente na IA; afinal, ela é leitora contumaz da Wikipédia e não possui um nariz que nos alerte de seus delírios.

Tudo muda de figura, entretanto, e deixa de ser pacífico, quando a IA é usada para a produção de textos. Para alguns críticos dessa prática, quem recorre à IA não seria muito diferente do aluno que faz seu trabalho de casa copiando o texto de uma enciclopédia e mudando algumas palavras para disfarçar o plágio; afinal, a IA só “pensa” (recombina, reorganiza) e “escreve” porque foi treinada previamente por meio de uma infinidade de textos humanos.

A crítica é injusta porque a analogia é fraca. Não podemos acusar o usuário de trapacear, especialmente se ele é franco e admite o uso da IA para obter seu texto. Além disso, se é esta que produz, é ele quem dirige o processo ao engendrar os comandos; e se a IA copia, não é de maneira mecânica e servil como no plágio, mas compilando um número incompreensível de fontes cuja autoria não desapareceu por encanto, mas é geralmente muito difícil de ser rastreada.

Também há quem chame tais textos de “ultraprocessados”. A analogia é chamativa, porém imperfeita, pois confunde processamento computacional e mental. A quantidade de processamento computacional investido na IA pode tender ao infinito, mas ela resulta (invariavelmente) num zero de processamento mental. O processamento excessivo empobrece e envenena os alimentos, mas torna os produtos do trabalho intelectual genuíno, esse mesmo que a IA é incapaz de fazer, mais rigorosos e sofisticados. A analogia também falha quando focamos nos efeitos do texto em vez de focar em seu processo de produção. Não é porque foi gerado por IA que um texto fará ao meu psiquismo o mal que o ultraprocessado faz ao meu corpo. Tal como o aluno que comete plágio, quem usa IA para gerar seus textos prejudica, a rigor, apenas a si mesmo. Desse ponto de vista, o uso infantil da IA generativa constitui, de fato, um problema dos mais sérios, sobretudo num cenário em que a produção humana de alimentos psíquicos deletérios (minimamente processados) é descomunal e não para de crescer.

O que os críticos do uso generativo da IA ainda não entenderam é que profissionais da palavra não têm a obrigação de serem escritores, e muito menos pensadores. Não se pode exigir que escrevam com seu sangue ou, no mínimo, com seu suor. A linguagem escrita nasceu como instrumento de registro contábil e, como sabemos, as plaquinhas afixadas aos milhões nas portas de elevadores

tampouco foram obra de um escritor. Não riam se um desses profissionais dissesse que a IA é a evolução do ofício: ele está apenas sendo honesto. Uma vez que seus patrões estejam de acordo, e que exista transparência a respeito desse uso, cabe aos profissionais da palavra decidir se usarão robôs para obter ou melhorar seus textos; e se a mercadoria satisfaz os avisados leitores, o que há, objetivamente, é uma relação de consumo regulada por um contrato livremente estabelecido entre adultos.

Tais equívocos, porém, não são nada se comparados ao erro cometido pelos apologistas do uso de IA generativa, que é insidioso. Ao chamar de “manual” o processo de elaboração que conduz da ideia ao texto final, eles desejam convencer-nos de que ele é tão completamente secundário que pode ser delegado a um robô; nada importa senão o resultado e a ideia que lhe deu origem. É fácil reconhecer, nesse movimento de exaltação da causa formal e de depreciação da causa eficiente, o desprezo pelo trabalho manual que vigorou na antiga Grécia escravista e permanece vivo até hoje.

Só que a elaboração de um texto é um esforço intelectual, e não manual. Assim como a tarefa do maestro não é “manejar a batuta” e a do cirurgião não é “manejar o bisturi”, a tarefa do escritor não é dar com os dedos num teclado. Não faz sentido chamar de “manuais” essas atividades, ainda que todas impliquem o uso das mãos. Portanto, embora não o saibam, é ao esforço intelectual que os apologistas da IA generativa dirigem seu desdém.

Pensar, esforçar-se intelectualmente, é equacionar problemas. Não basta “ter” ou “contemplar” uma ideia, é preciso desenvolvê-la; não basta “levantar” um problema, é preciso estabelecê-lo ou equacioná-lo de forma correta e propor uma solução, ainda que provisória (como são, na maior parte das vezes, as soluções). O esforço intelectual exprime, portanto, o *processo* que conduz da posição de um problema à sua resolução. É assim que o médico chega ao seu diagnóstico, o filósofo elabora seu conceito, o cientista testa sua hipótese e o romancista tece sua trama; é assim que o devido processo legal, baseado numa investigação criteriosa, substitui o boato e o linchamento. Não custa lembrar que também há esforço intelectual no trabalho “manual” daqueles que produzem bens essenciais como casas, móveis e refeições. Se você tem alguma dúvida, experimente comer um prato preparado por alguém que simplesmente “seguiu uma receita”.

Para mim, abdicar da elaboração mesma do texto, a um tempo seguindo e inventando as sinuosidades dos caminhos pelos quais um problema se desenvolve, e se modifica a si mesmo ao desenvolver-se, seria renunciar àquilo que mais gosto de fazer na vida: aprender a pensar e escrever ao pensar e escrever. Não tenho, no entanto, a pretensão de ser a régua de outrem. Profissionais da palavra têm o direito de facilitar seu trabalho recorrendo a robôs para produzir e/ou polir seus textos; eles só não têm o direito de desfigurar e depreciar o esforço implicado no trabalho intelectual autêntico, que tanta falta nos faz, apenas para defender seu ganha-pão.